

CONTRAVISUALIDADES NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM ARTES VISUAIS: ANÁLISE DE UM CASO DOCENTE DA REDE ESTADUAL DE EDUCAÇÃO

LUCAS MORAES SALLES¹; MARISTANI POLIDORI ZAMPERETTI²

¹Universidade Federal de Pelotas – ims.salles@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – maristaniz@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um estudo inicial sobre contravisualidades na formação docente. A pesquisa foi desenvolvida no projeto intitulado *Contravisualidades e Formação Docente – Emergências e Contingências nas Práticas Pedagógicas em Artes Visuais* da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), coordenado pela professora Maristani Polidori Zamperetti, do Centro de Artes (CA) e realizada com bolsa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) entre os meses de abril a agosto de 2024. O projeto realiza estudos em grupo para compreender aspectos teóricos e práticos de como as visualidades e contravisualidades se apresentam nas práticas pedagógicas e nos processos de ensino e aprendizagem das/os professoras/es de Artes Visuais na educação básica. O presente resumo se encontra fundamentado em ABREU *et al.* (2019), ZAMPERETTI, SOUZA (2022) e DIDI-HUBERMAN (2012), que tratam da conceituação de visualidades e contravisualidades, a relevância das contravisualidades para os processos de ensino-aprendizagem e trazem reflexões sobre a imagem enquanto objeto de estudo. A partir disso são apresentados resultados parciais de pesquisa sobre como as contravisualidades estão sendo abordadas dentro da sala de aula, em um caso de docente da escola da rede estadual de educação da cidade de Pelotas.

2. METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho caracteriza-se como qualitativa, com foco em entrevistas semi-estruturadas, revisão bibliográfica e encontros com os integrantes do grupo, considerando o objetivo proposto para compreender os sentidos das visualidades e contravisualidades nas práticas pedagógicas no ensino em artes visuais. Os resultados da pesquisa são apresentados em duas etapas. A primeira etapa trata sobre o conceito de visualidades e contravisualidades e no segundo momento a análise da entrevista realizada com um/a professor/a de artes visuais da educação básica sob o enfoque da teoria.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As imagens circulam o tempo todo ao nosso redor, algumas convidadas e outras não. Todo esse conjunto de elementos visuais – as cores, anúncios, discursos, cartazes, panfletos – tornam-se compreensíveis em certo ponto e produzem um discurso que influencia nossos modos de ver. Como conviver com essa produção constante? Como integrar os novos elementos aos que já conhecemos? Esses questionamentos fazem parte dos estudos relacionados à Cultura Visual. E trabalhando com o conceito de “visualidades” dentro da cultura

visual, é possível compreendê-las como construções sociais do que é visível, ou seja, é uma manifestação visual que pode assumir vários formatos. As “contravisualidades” são representações visuais que vão questionar justamente os complexos de visualidades hegemônicas presentes na sociedade, que produzem os mesmos tipos de discursos que inviabilizam outras formas de ver e existir. Partindo dessas problemáticas, é de extrema importância buscar entender como esses discursos estão sendo construídos a partir das práticas pedagógicas em artes visuais.

Um exemplo de contravisualidade na arte contemporânea brasileira, é o trabalho do fotógrafo Julio Bittencourt “*Prestes Maia. 47*”, que é um conjunto de 45 fotos das janelas do edifício Prestes Maia 911, localizado em São Paulo. A obra apresenta uma temática muito relevante: a precariedade dos edifícios ocupados em decorrência da escassez de moradias nos grandes centros urbanos. É um trabalho que nos instiga a refletir sobre a difícil realidade das pessoas desabrigadas nas metrópoles, tornando visível a narrativa de vida dessas famílias. Assim, é possível levar este conjunto de fotografias para sala de aula abordando temas como a desigualdade social.

Imagem 1 - “Prestes Maia. 47”, Julio Bittencourt.



Fonte: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2008.

A pesquisa iniciou-se com a revisão bibliográfica de dois artigos, “Contravisualidades na arte contemporânea: dadosfera em tempos de pandemia” e “O que podemos aprender das contravisualidades?” que abordam questões

fundamentais para a compreensão das contravisualidades, também identificando na arte contemporânea a manifestação desse conceito. A construção desse conhecimento deu-se também através das trocas entre os integrantes do grupo, em encontros focais para discutir os assuntos propostos e ampliar a compreensão da temática a ser estudada. A partir da base teórica já adquirida, partiu-se para a realização das entrevistas com professores de artes visuais.

A etapa que antecede a realização da entrevista consistiu em: 1º Aprendizado sobre o que é uma entrevista semi-estruturada, 2º Elaboração das perguntas, 3º Criar um formulário online com perguntas básicas para conhecimento dos/as docentes e para o envio de algumas imagens utilizadas em sala. Após esse momento, foi enviado o formulário e em seguida foi marcado o dia, local e horário para a entrevista. Cada integrante do projeto ficou responsável por entrevistar de uma a duas pessoas (no caso deste trabalho, foi entrevistada uma pessoa). O/A professor/a entrevistado/a é atuante na rede estadual de ensino de Pelotas. É importante ressaltar que para este estudo, o anonimato foi garantido para as pessoas entrevistadas, a fim de preservar as suas identidades. Durante a entrevista, que neste caso foi realizada presencialmente, foram feitas seis perguntas e as imagens foram analisadas com a função de entender como, ou, se as contravisualidades estão sendo usadas em sala de aula.

Fazendo uma análise prévia das respostas obtidas, foi possível perceber um elemento interessante, as contravisualidades estão sendo trabalhadas em sala de aula de forma indireta, conforme identificado na fala da pessoa entrevistada: *“As imagens que eu utilizo em sala de aula geralmente eu aproveito aquelas que já estão nos livros didáticos”*; em outro trecho *“Os temas que eu consigo identificar nessas imagens são aqueles que eu geralmente preciso trabalhar nas habilidades dos temas transversais. Então essas imagens geralmente já estão ali colocadas pra gente conseguir relacionar com esses temas transversais que é o racismo, lgbtphobia, meio ambiente, e outros temas que geralmente vem relacionado às habilidades”*. É possível ver que dentro do material didático que é disponibilizado para a escola, que as contravisualidades estão atreladas aos Temas Transversais, oportunizando essa conexão com assuntos que atravessam várias áreas do conhecimento e que estão presentes na vida dos alunos, e que são possíveis de serem trabalhados nas aulas de artes visuais.

Outro aspecto perceptível a partir do que foi relatado, foi o notável interesse que os alunos demonstram com imagens diferentes do habitual, o que pode indicar um interesse em contravisualidades. De acordo com as palavras da pessoa entrevistada: *“Então eu vejo que eles mostram um interesse, se surpreendem, pra eles é diferente e eles se sentem mais a vontade de trabalhar a arte porque eles veem que a arte não é limitada aquilo que eles conheciam e sim um campo amplo de coisas que eles podem pensar e subjetivar na sala de aula com alguma coisa que pra eles era diferente”*. Dentro da organização da escola de onde o/a professor/a entrevistado/a atua, existe mais de um docente em artes visuais e a diferença metodológica afeta nessa experiência dos alunos em sala de aula com as imagens. Então, quando é apresentado algo diferente da visualidade habitual, é gerado um sentimento de curiosidade.

O sentimento de surpresa e curiosidade gerados a partir das imagens mostradas aos alunos, conversa com os estudos de Didi-Huberman (2012), quando diz que as imagens tocam o real e ardem, pois elas nos forçam a confrontar e a refletir sobre a verdade dos eventos. Neste caso, as imagens vão ampliar o repertório dos alunos sobre o que eles compreendem como arte, quebrando com um discurso hegemônico que valoriza sempre as mesmas formas

tradicionais de arte. Além disso, aproximam os alunos do conteúdo, expandem as discussões, abordam assuntos do cotidiano mais próximo deles. Dessa forma, podemos observar uma maneira de como as contravisualidades estão aparecendo no processo pedagógico em artes visuais: através dos livros didáticos, nessa lógica apresentam-se como uma ferramenta para trabalhar os Temas Transversais, que são previstos para serem desenvolvidos na disciplina de artes.

Não existem fórmulas prontas para ensinar ou pensar em processos de mediação com o uso de contravisualidades. No entanto, neste momento existem aspectos que podem ser levados em conta para estimular a construção de uma visão crítica, com foco nas contranarrativas. É fundamental reconhecer as visualidades e contravisualidades como ferramentas para a produção de sentido e conhecimento, respeitando a subjetividade de quem as produz e interpreta. Isso envolve democratizar as escolhas visuais, promover debates sobre conflitos e o cotidiano, e estabelecer conexões com questões sociais, culturais e políticas.

A pesquisa ainda está em processo de desenvolvimento, portanto, este trabalho compõe uma parte dos estudos do projeto e contribuirá como suporte para a compreensão dos aspectos investigados. Neste trabalho, foi apresentado algumas análises preliminares feitas a partir das respostas obtidas de uma entrevista realizada com um/a docente em artes visuais estabelecendo algumas relações com os conceitos de visualidades e principalmente, contravisualidades.

4. CONCLUSÕES

Em suma, aprender com as contravisualidades é um processo complexo e necessário, sobretudo em tempos de crescente processo de censura na sociedade, que também incide no interior das escolas. É possível ver que há iniciativas de forma indireta do uso das contravisualidades na construção dos discursos em sala de aula, mas que ainda há muito o que ser feito. Ao incorporar as contravisualidades nos processos pedagógicos, os educadores podem ajudar os alunos a desenvolver uma visão crítica, contestar os discursos de poder e abrir espaço para novas formas de ver e representar o mundo. A prática educacional embasada nas contravisualidades não só proporciona novas aprendizagens, mas também promove a empatia e o reconhecimento de outras realidades que estão fora dos discursos dominantes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, Belo Horizonte, p. 206–219, 2012.

ABREU, Carla Luzia de; ÁLVAREZ, Juan Sebastián Ospina; MONTELES, Nayara Joyse Silva. O que podemos aprender das contravisualidades? **In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás - Universidade Federal de Goiás, p. 831-846, 2019.

ZAMPERETTI, M. P.; SOUZA, F. L. de. Contravisualidades na arte contemporânea: dadosfera em tempos de pandemia. **Revista da FUNDARTE**, Montenegro, v.52, n.52, p. 1 - 16, 2022.